

O PANORAMA.

JORNAL LITTERARIO E INSTRUCTIVO

DA

Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

36

PUBLICADO TODOS OS SABBADOS. (JANEIRO 6, 1837)

AOS ASSIGNANTES.

ENCARRREGADOS pela Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis de redigir o jornal por ella publicado desde o começo da sua existencia, nós procurámos, quanto o nosso pequeno cabedal de luzes o permittia, acertar o alvo de derramar a instrucção, fazendo descer a litteratura e a sciencia ao nivel das intelligencias communs: para isto era preciso conhecer primeiro o que o espirito do povo comportava de alimento intellectual: era preciso saber qual o estado e a tendencia da civilisação entre nós. Tal conhecimento só a experiencia e os conselhos de pessoas prudentes e judiciosas no-lo poderiam dar; com consciencia e animo sincero aproveitámos uma e outra cousa: e com franqueza confessamos que os primeiros oito mezes do Panorama foram em grande parte de tentativas. Louvores e reprehensões, quando fundados em boa razão, tudo aceitámos, e de tudo nos servimos, para variar o systema de redacção, e para ir pouco a pouco conhecendo exactamente qual o que devíamos seguir de futuro. Cremos te-lo alcançado; e a nova disposição do Panorama satisfará, em nosso entender, aos desejos de toda a sorte de leitores.

Quando este jornal começou a apparecer nada mais era, quanto á forma, do que uma imitação do Penny Magazine, do qual tambem o são todos os jornaes populares publicados na Europa. Persuadidos estavamos então que nenhum melhor modelo tinhamos para seguir; mas com o tempo nos temos convencido de que as circumstancias relativas dos dois paizes, Portugal e Inglaterra, sendo diversissimas, deviam influir diversamente no modo de tractar a *litteratura popular* das duas nações. Em Inglaterra, como em França e na Alemanha, o lér é uma necessidade intellectual, em Portugal um prazer, ou antes um desfastio, e é como tal, principalmente, que a instrucção se deve apresentar entre nós. Em parte nenhuma, portanto, ella deve ter em si os dois caracteres, do util e delectoso, profundamente estampados, como em o nosso paiz. Na Inglaterra, um jornal que contém quatro ou cinco artigos escriptos com attenção, e offerecendo materias graves, severamente tractadas, louvam-no e leem-no; em Portugal louvam-no, mas poucos o leem. Entre nós é preciso que o agradável conduza e obrigue o proveitoso aos olhos de grande numero de leitores; é preciso que o escriptor não só tenha boa consciencia, mas tambem que esta seja risonha.

O que levamos dicto é a consequencia que para nós deduzimos de tudo o que ouvimos ácerca deste jornal; de tudo o que nós proprios observámos. Sem nos enganarmos com o augmento de extracção do Panorama; sem nos ensoberbecermos com os louvores de homens distinctos, naturaes e estrangeiros, que teem honrado nosso trabalho com a sua approvação, julgámos dever alterar o systema, que até aqui havemos seguido, na redacção e disposição do jornal, porque sendo nosso objecto instruir, delectando no maior grau possivel, isto melhor se podia alcançar seguindo em parte um novo trilho.

Em tres classes se podem dividir os leitores, a quem os jornaes populares são destinados. A primeira é a dos que pertencem só a instrucção, sem lhes importar

a forma; almas robustas a quem a sorte lançou na vida positiva, mas que haviam nascido para a conversação das letras: são estes poucos; a segunda classe, que é a mais numerosa, consta daquelles que gostam de instruir-se recreando-se; a terceira enfim, é formada pelos que só na leitura buscam passatempo para matar o tedio, e a quem cousas singellas, claras, communs, ou frivolas só agradam: doentia é a compleição moral destes, difficil a sua cura; mas por isso mesmo não os devemos abandonar: com o uso de lér, porventura adquirirão o amor dos conhecimentos mais solidos, ou pelo menos tomarão a leitura por habito, e na falta de cousas superficiaes, alguma vez recorrerão a escriptos mais instructivos e profundos.

Considerado deste modo o publico, para quem escrevemos, o problema do modo porque o Panorama deve ser disposto acha-se resolvido. E' preciso attender aos desejos de duas classes de leitores oppostas, e a uma terceira que é como media entre ambas: o seguinte systema de redacção nos parece satisfazer a todos os requisitos que no jornal se podem exigir.

O Panorama conterà de ora ávante duas partes, que de algum modo se podem considerar como distinctas. A primeira destinada aos artigos mais extensos e relativos ás sciencias naturaes, aos quadros historicos, á geographia, á topographia, aos monumentos, á economia, á litteratura, e a todos os mais objectos graves e importantes: a segunda conterà artigos breves, variados, e de menos monta, posto que tendentes sempre, quanto for compativel com a sua natureza, á instrucção commum, não sendo d'ahi inteiramente desterrada a sciencia, quando nella se poderem dar as condições desta parte do jornal — brevidade, deleite, e variedade. Não só adequado ás circumstancias peculiares do nosso paiz nos parece este systema de redacção; mas conveniente para ser seguido em muitos outros, que, bem como Portugal, estão ainda abaixo da Alemanha, de Inglaterra, e da França na escala da civilisação.

Cumpra comtudo advertir que, seja qual for a forma porque se dirijam em Portugal os jornaes populares, os seus resultados nunca serão tão vantajosos como os que produzem os publicados entre as nações que mencionamos. Semelhantes jornaes devem ser considerados como um complemento da educação primaria popular, e esta é miseravel, incompleta, e despresada. — Creou-a o marquez de Pombal; mas até hoje ninguem mais curou della; assentada nos angulos das ruas, nas entradas das aldeias, a pobresinha, cuberta de farrapos, que foram bellos vestidos no meado do seculo passado, estende a mão para que a soccorram, mas não ha ouvi-la; em quanto sua irmã mais moça, a instrucção superior, hoje a vestem á ingleza, ámanha á franceza, e tanto a pertendem amimar e alindar, que a convertem em dançarina de companhia de funambulas. — Se estes carinhos se repartissem entre as duas irmãs; se dessem ao povo os rudimentos geraes da instrucção, antes de lhe ensinar sciencias, parece-nos que a civilisação caminhará em Portugal melhor, e que não aconteceria [como já nos succedeu] encontrar-se um doutor, que suppunha ser

o Baltico um rio, e outro, professor de certa academia celebre, que dava a razão de serem as viagens do Brasil mais demoradas de lá para cá, do que de cá para lá, do seguinte modo: "*Meus senhores, forçosamente assim ha de acontecer; porque para lá, desce-se; e para cá, sobe-se.*"

Diremos a final duas palavras sobre a parte material do Panorama. Todos os esforços teem sido empregados pela Direcção da Sociedade para o melhorar por este lado, e os seus desvelos não teem sido baldados. Sem nenhum interesse individual, lutando com difficuldades, que a muitos pareceriam insuperaveis, a Direcção vae trabalhar por exceder até as esperanças que nella posera a Sociedade, e cremos que dentro em pouco ella o terá alcançado.

DO ALCOOMETRO CENTESIMAL OU DE GAY-LUSSAC.

1.^o

O ALCOOMETRO centesimal, que não differe, quanto á forma, de todos os outros pesa-licores, serve, como estes, para avaliar a força dos líquidos espirituosos, que no tracto mercantil são considerados como mixtos d'agua e alcool puro em proporções variadas: a sua escala porém graduada na temperatura de 15 graus centigrados, [1] é dividida de modo que marca a zero a agua distillada, e a 100^o o alcool puro, representando cada grau do alcoometro um centesimo do volume desse mesmo alcool; assim, se mergulhado n'um liquido espirituoso na temperatura de 15^o centigrados indicar 55 centesimos ou graus, conhece-se immediatamente que esse liquido contém, em 100 partes, 55 de alcool puro, e 45 d'agua: se indicar 75, conterá o liquido 75 d'aquelle, e 25 desta.

Vê-se pois que o alcoometro de Gay-Lussac leva aos outros pesa-licores a vantagem de fazer conhecer, sem longos calculos, qual é a quantidade de alcool puro contida no liquido espirituoso cuja força se pretende avaliar; para isto basta multiplicar o numero que representa o volume do liquido espirituoso pela força indicada pelo instrumento. [2] Supponha-se, por exemplo, um caso de 780 quartilhos d'agua-ardente [3] da força de 0,55; qual será a quantidade de alcool puro? Multiplicando 780 por 0,55 o seu producto 429 será o numero de quartilhos d'alcool puro contido em 780 d'agua-ardente de 55 centesimos [4].

Porém este resultado deixa de ser exacto, quando a temperatura do liquido espirituoso for superior ou inferior a 15.^o centigrados, por que sendo então apparente [5] a força indicada pelo instrumento haverá no calculo um erro, que se torna indispensavel corrigir, sem o que não se poderá conhecer a força real; erro que em muitas circumstancias é tanto mais attendivel, quanto póde eleva-se a mais de 12 por cento, entre os limites de zero e 30^o centigrados. Se a temperatura do liquido espirituoso, cuja força se pretende avaliar, não for a que serviu de base á gradação da escala do alcoometro, isto é, 15^o centigrados; deve reduzir-se a essa temperatura uma amostra do liquido, aquecendo-a com a mão, ou resfriando-a com agua fresca de poço; mas sendo esta operação um pou-

[1] 12 graus do thermometro de Réaumur, ou 59 de Fahrenheit.

[2] Como cada grau do alcoometro centesimal representa um centesimo de alcool puro, os numeros que os indicam são fracções decimaes; é pois mais facil e conveniente para os calculos considerá-los como taes, escrevendo, por exemplo, 0,55 em vez de 55; por tanto o enunciado póde ser: achar a quantidade d'alcool puro contido em qualquer liquido espirituoso, multiplicando o numero, que representa o seu volume, pelo numero, (considerado como inteiro) que indicar a sua força, e separando á direita do producto os dois ultimos algarismos.

[3] Na accepção vulgar toma-se a aguardente por espirito, e vice versa; porém deve-se fazer differença entre estes dois estados de maior ou menor concentração do alcool, applicando o nome de agua-ardente aos líquidos espirituosos pouco concentrados, e os de alcool de agua-ardente redonda ou prova d'Hollanda, que marca de 49,4 até 57,3 do alcoometro, e designando pelo de espiritos os que marcarém dahi para cima.

[4] A unidade é arbitraria, porque em vez de quartilhos podem-se tomar canadas, cantaros, etc.

co difficil e demorada, e podendo dar lugar a erros consideraveis, calculou Gay-Lussac uma *taboa* pela qual se corrigem todas as indicações apparentes dadas pelo alcoometro, no caso de ser a temperatura dos líquidos superior ou inferior a 15^o centigrados, isto é, se acha o resultado que indicaria o instrumento mettido no liquido reduzido á temperatura de 15.^o

Não entraremos na explicação desta *taboa*, nem tão pouco a reproduziremos, por ser muito extensa, e por se poder conseguir o mesmo resultado, fazendo-se uso da pequena *taboa* n.^o 1, devida ao doutor Pector, [6] a qual indicando o quanto cada grau de temperatura faz variar a força conhecida de qualquer liquido espirituoso, resolve com sufficiente approximação os problemas ordinarios do commercio.

Correcção das indicações do alcoometro, quando a temperatura dos líquidos espirituosos for superior ou inferior a 15^o centigrados.

Se a temperatura do liquido espirituoso não for a normal, torna-se indispensavel corrigir a força apparente indicada pelo alcoometro, para se conhecer a real; consegue-se isso recorrendo ás *taboas* de Gay-Lussac, que acompanham as instruções sobre o seu pesa-licores; *taboas* que consideramos muito uteis e vantajosas, não só pela sua exactão, como por trazerem feitos os calculos para a correcção da força apparente indicada pelo instrumento; todavia a *taboa* publicada pelo doutor Pector preenche com sufficiente approximação este objecto: notam-se nella duas columnas, as impares indicam as forças apparentes, e as pares os factores para cada grau de temperatura. Querendo-se pois corrigir as indicações dadas pelo alcoometro quando a temperatura não for a de 15^o centigrados, procura-se na columna da força apparente, e na dos factores, o numero que lhe corresponde, o qual sendo multiplicado pela differença de temperatura comparada a 15 centigrados, e ajunctando depois o seu producto á força apparente, se a temperatura observada for inferior a 15^o, ou diminuindo-o, se for superior, a somma ou a differença dará a força real, que se procura.

Supponha-se uma agua-ardente cuja força apparente é de 50, e a sua temperatura de 10 centigrados, qual será a sua força real?

Procura-se na *taboa* o numero que representa a força 50, e na columna dos factores o que lhe corresponde, que é 0,36, o qual se multiplica por 5, differença entre 15 e 10, e como a temperatura observada é inferior a 15 ajuncta-se o seu producto 1,80 á força apparente indicada pelo alcoometro, e a sua somma 51,8 é a força real da agua-ardente, ou a que marcaria o alcoometro, se a temperatura em vez de 10 fosse de 15 [7].

Se a força e a temperatura observadas ou qualquer d'ellas for representada por um numero fraccionario, acha-se a força real pelas seguintes regras.

Em quanto á força. Despreze-se a fracção da força apparente observada, e procure-se depois a força real correspondente ao numero inteiro, e ajuncte-se a fracção ao resultado.

Em quanto á temperatura. Tome-se o numero inteiro mais proximo do fraccionario observado.

Exemplo da 1.^a regra. Indicando o alcoometro 60, 5 de força apparente, na temperatura de 22 graus, qual será a força real do liquido?

[5] Entende-se por força apparente dos líquidos espirituosos a indicada pelo pesa-licores, quando a temperatura dos líquidos for superior ou inferior á que serviu de base para se graduar a escala do alcoometro, de que se faz uso.

[6] Será impressa no fim da segunda e ultima parte do presente art.

[7] As columnas da força apparente não indicam os graus intermedios entre 5 e 5: se o alcoometro indicar uma força intermedia, deve-se ha tomar na dos factores o numero correspondente ao mais proximo destes.

Procure-se a força real correspondente a 60, despresando-se a fracção 0,5, e achar-se-ha ser de . . . 57,6
ajunctando depois a fracção 0,5

Tem-se a força real 53,1

Exemplo da segunda regra. Se a temperatura observada for de 18,7, tome-se 19; se for de 7,3 tome-se 7: opere-se depois como se fosse com effeito 19 no primeiro caso, e 7 no segundo.

Aplicação das duas regras. Sendo 85,7 a força apparente de um espirito na temperatura de 23,4, qual será a sua força real?

Em vez de 23,4 de temperatura tome-se somente 23, e em vez de 85,7 tome-se 85; procure-se depois a força real correspondente a 85, despresando a fracção 0,7, e achar-se-ha ser de 82,8
Ajunctando depois a fracção 0,7

Tem-se a força real 83,5

O preço dos líquidos espirituosos depende não só da sua força, mas também da sua *riqueza alcoolica*; aquella é o grau indicado pelo alcoometro na temperatura de 15° centigrados, e esta a quantidade de alcoometro puro contido n'um volume dado; sendo porém este variavel segundo o grau de calor que o liquido tiver no acto de ser pesado, segue-se que a força é sempre a mesma, mas não a sua riqueza, a qual só se confunde com aquella no unico caso de ter o liquido espirituoso a temperatura de 15° centigrados: em todos os outros é diferente. A força real, por exemplo, de um espirito que marcar no alcoometro 65, na temperatura de 20° centigrados, será de 63,35, isto é, reduzido elle á temperatura de 15° marcará 63,35 ou conterà 63,35 quartilhos, por exemplo, de alcool puro em 100, ou 633,5 por 1000. Todavia não se póde concluir que esta será a sua riqueza, porque 1000 quartilhos na temperatura de 20° reduzidos a 15° occuparão só o volume de 996, os quaes contendo 63,35 por 100 conterão no todo $63,35 \times \frac{206}{105} = 630,96$; assim 1000 quartilhos de espirito que marcarem 65 a 20° centigrados não contém senão 630,96 d'alcool puro a 15° ou 63 por 100, quando a sua força real é de 63,35. Vê-se por tanto que querendo determinar o valor dos líquidos espirituosos é indispensavel corrigir o seu volume, ou a sua *riqueza apparente*. Tal será o assumpto do paragrapho seguinte.

Correcção do volume dos líquidos espirituosos quando a sua temperatura for differente de 15° centigrados.

Corrige-se a riqueza apparente dos líquidos espirituosos multiplicando a sua força real pelo volume augmentado ou diminuido pelo calor. Gay-Lussac, com o fim de evitar estas multiplicações, publicou uma *taboa* em que ellas se acham feitas; todavia pode-se conseguir o mesmo fim empregando a formula dada por Francœur, a qual resolve com bastante approximação os casos que apparecem no tracto commercial. A formula é:

$$R = c \pm 0,4 \times t$$

R representa a riqueza alcoolica que se procura, *c* o grau ou força accusada pelo alcoometro centesimal, seja qual for a temperatura, e *t* a differença de temperatura comparada a 15° centigrados: emprega-se o signal — [menos] para as temperaturas superiores a 15°, e o signal + [mais] para as inferiores [8].

Supponha-se uma agua-ardeute de 54° de força apparente na temperatura de 20° centigrados, qual será a sua riqueza alcoolica?

[8] Traduzindo a formula. Acha-se a riqueza alcoolica de qualquer liquido espirituoso, multiplicando a differença de temperatura comparada a 15° por 0,4 ou $\frac{2}{5}$, e diminuindo o producto da força apparente, se a temperatura for superior a 15°, ou ajunctando-o, se ella for inferior: a differença, ou a somma será a riqueza alcoolica.

Nesta hypothese temos $c = 54$, e $t = 5$, e como 20 é superior a 15, a formula se reduz a $R = 54 - 0,4 \times 5 = 52$.

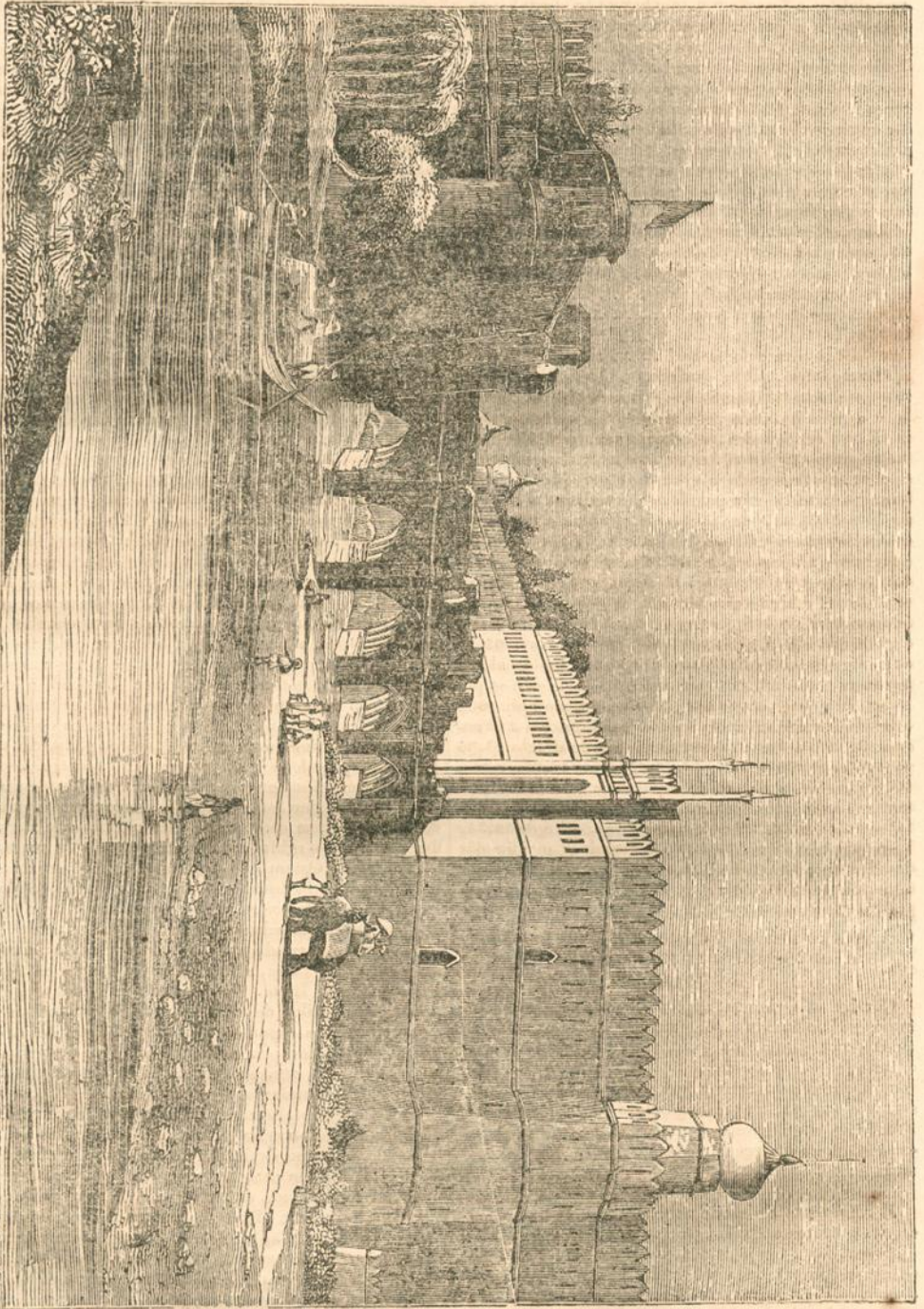
Querendo-se pois calcular a riqueza total em alcool de qualquer liquido espirituoso, multiplica-se o numero que representa a sua quantidade, ou volume, pela riqueza achada, e divide-se o producto por cem. Se o volume, no exemplo acima, for de 30 almudes, ter-se-ha como riqueza alcoolica desse volume 15,16 almudes.

DELHI.

ESTA cidade foi antigamente a séde do imperio do mogol, celebre pela sua extensão e opulencia. Hoje póde dizer-se dominada pelos inglezes, que tem destramente conservado uma sombra de poder ao principe descendente da antiga raça, por causa da influencia que o nome da sua familia exerce no geral dos indios. — Está situada na margem occidental do rio Jumna, a 350 milhas de Allahabad. Entre os naturaes goza um titulo orgulhoso, que poderemos chamar official, porque só nos papeis do estado, e na côrte, e denominam Shahjehan-pur, ou cidade do rei do mundo. Por toda a parte a cercam as ruinas da velha capital, que formam mui curioso contraste com os suburbios da nova, com as casas de campo d'alguns europeus, e os aquartelamentos ultimamente feitos para tres regimentos de sipaes. E' soberbamente amuralhada com portas d'extrema magnificencia, pelo que é mui formosa de ver pela parte de fóra. Erguem-se aos ares innumeraveis cupolas, e corucheus de mesquitas, e acima de todos o palacio imperial, como uma montanha de granito vermelho, carregado de torres e ameias de estilo quasi gothico, e o Jumna Musjeed, o local mais vasto e sumptuoso que tem o rito musulmano na India, apparecendo todos estes pinaculos dentre a verdura dos immensos passeios d'arvores plantadas tão bastas que, sendo os edificios em geral construidos de granito vermelho, guarnecidos d'ornamentos de marmore branco, deu logar a que, na linguagem figurada dos orientaes, se comparasse esta cidade com rochedos de perolas e rubins levantados no meio de um mar d'esmeralda. Quem chega a Delhi pelo brago oriental do Jumna vê realisar-se ante seus olhos quanto a imaginação póde conceber sobre a pompa e luxo asiatico; brilhando ao sol o exterior das cupolas douradas, e ornadas com variado gosto. — A rua principal, *Chandery Choke*, é larga, e bella; talvez a mais espaçosa das cidades da India. As casas são fabricadas segundo diversos estilos de architectura, e em muitas se veem adoptados alguns modos de construir do occidente. Não é fóra do commum acharem-se praças á grega, porticos, etc. em frente das habitações dos indios e dos musulmanos.

As lojas estão atulhadas de toda a casta de productos e manufacturas da Europa, e em muitas dellas ha taboetas, que designam os nomes e occupações dos habitantes em caracteres romanos; circumstancia nova em uma cidade daquelle paiz. A sua população é sempre variada e pittoresca: a diversidade dos trajos dos povos, que afluem quotidianamente a esta cidade, é cousa summamente curiosa aos olhos d'um europeu. Infinitas circumstancias dão realce a uma scena tão nova; e á sua chegada o viajante, ainda que acostumado á magnificencia d'outras côrtes, não póde esquivar-se a um certo sentimento de admiração, que lhe infunde o espectaculo singular, de que se vê rodeado. — Transitam pelas ruas innumeraveis elephants, camelos, e soberbos cavallos, magnificamente ajaezados, e com ornatos de prata, e guarnições de varias cores, conduzidos por homens que fallam diversos idiomas,

DELHI.



e trajam diferentemente: encontram-se a cada passo as comitivas de grandes personagens do Indostão, porque em Delhi, que ainda conserva as pertençações orgulhosas da cõrte do Mogol, residem os restos de sua antiga nobresa, que não cede um apice da velha

e apparatusa etiqueta. Estes figurões saem sempre rodeados d'um sequito numeroso, a pé e a cavallo, levando adiante pregoeiros, que vão proclamando, com voz retumbante, os titulos do seu senhor. Toda esta bulha, confundida com os brados e pregões das ven-

das pela rua, com as discordes cantilenas dos musicos ambulantes, ajudadas com monotonos acompanhamentos, com os gritos queixosos e agudos dos camelos, os roncos dos elefantes, os relinchos dos cavallos, o chiar dos carros, e todos os outros motins communs ás terras populosas, faz uma perpetua algazarra, que aturde os ouvidos desaeitados, desde o nascer até o pôr do sol. As carruagens inglezas correm a par das liteiras e carrinhos cubertos, ou descubertos, pertencentes aos naturaes, e variados como o gosto dos possuidores, e alli concorrem com os palanquins do Indostão. Nos mercados estão expostos á venda passaros em gaiolas, diversos animaes, e entre elles gatos, e galgos da Persia, muito estimados; mercancias que negociam certos homens altos e bem parecidos, que transportam toda a casta de fazendas de Cachemira, do Thibet e da Persia, para as cidades do Indostão. Grande quantidade de mendigos infestam as ruas, praga muito commum na India, e de cuja ociosidade e hypocrisia já tivemos occasião de tractar.

Taes são as principaes feições caracteristicas da cidade de Delhi, e que em maior profusão se divisam em Chandery-Choke, rua principal, e aonde circula todo o giro do commercio, a qual pôde fazer-se o passeio mais deleitoso do mundo, porque lhe corre pelo centro o famoso canal de Delhi, cuberto de sombras de formosas e copadas arvores, e nada era mais facil do que apagar as nuvens de poeira, ao presente intoleraveis, molhando as avenidas, ou passeios lateraes, com a agua do canal. Mas até agora em tal não tem cuidado, de que resulta ser extremamente incommodo, e aborrecivel, um local, que só com esta pequena providencia se faria agradável, e digno da frequencia dos viajantes, e curiosos das scenas e costumes dos povos.

Aquelle canal foi construido em tempos antigos, e é hoje uma das vantagens principaes dos habitantes, porque lhe fornece o unico suppimento d'agua potavel, que possuem. E' obra esplendida, mas veio a entulhar-se, e assim esteve até que o governo britannico o mandou reparar e pôr em estado de serviço, no que gastou sommas consideraveis, terminando os trabalhos em 1820. Deriva do Jumna logo que este rio deixa as montanhas, e conduz a corrente pura e saudavel na distancia de 120 milhas; porque o proprio Jumna, ao passar por Delhi, vai de tal fórma impregnado de carbonato de soda, que as suas aguas, quando na estação das chuvas alagam o paiz, assim como as do Ganges, em vez de promover destroem a vegetação, e quando se retiram deixam tudo cuberto de areias estereis como as praias do mar. Só o canal, além de ministrar aguas potaveis, é o manancial da fertilidade das hortas e jardins da cidade.

PANORAMAS.

O VOCABULO panorama, segundo a sua etymologia grega, soa o mesmo que *vista do todo*. Tomou-se este termo para designar uma engenhosa invenção dos fins do seculo passado, que veio dar novo realce á arte da pintura. Consiste este invento em apresentar vistas de um vasto terreno, por tal arte dispostas, que o espectador creia ver a realidade.

A luz do sol, conduzida e moderada por certos meios que para isso se empregam, e por tal modo que seja igualmente repartida por todos os pontos do quadro, faz com que pareça ter-se diante a realidade. A fórma circular que se dá á pintura, fechada n'um recinto, e a maneira porque ella está assentada aumenta a persuasão do espectador.

O logar onde este se colloca é n'uma especie de emi-

nencia que se aleanta no meio do recinto onde se apresenta o panorama: esta eminencia, ou plataforma, está cuberta com um tecto circular sustido por um unico pilar no centro. Sobre a plataforma ha duas varandas concentricas, porém de diversa altura. Aquí sobe o espectador por uma escada interior, e de qualquer ponto que olhe não vê senão a paisagem que o Panorama representa, e que está assentada no chão do recinto, que é concavo, como a metade de um globo oco, com a parte convexa para fóra. A semelhança destas vistas é tão completa, que n'um Panorama de Jerusalem apresentado em Paris em 1819 Mr. de Chateaubriand viu e conheceu a casa em que habitara durante a sua residencia naquella cidade.

E' a Roberto Barker, pintor de Edimburgo, que se attribue esta invenção, da qual obteve privilegio em 1787, apresentando ao publico, dahi a quatro annos, o primeiro panorama. O americano Fulton os introduziu em França, e ajudado por alguns artistas francezes, que aperfeçoaram o invento, apresentou-o em Paris pela primeira vez no anno de 1799.

A denominação de panorama começou neste seculo a ser empregada no sentido metaphorico: os viajantes, e os poetas a tem dado aos sitios picturescos que abrangem uma grande extensão de territorio. Foi tambem no sentido figurado que tal nome se deu a este jornal; por que nelle se apresenta aos olhos dos nossos leitores o que mais curioso ha no mundo, physico e intellectual: entretanto a idéa de dar semelhante nome a uma publicação litteraria não é nova: alguns livros tem apparecido com este titulo; e para não amontoar exemplos, citaremos só o *Panorama de Inglaterra* publicado por Carlos Mallo.

ETYMOLOGIA DO MEZ ACTUAL.

JANEIRO começou a occupar o logar de primeiro mez do anno, quando Numa Pompilio, segundo rei de Roma, o acrescentou, e Fevereiro, ao calendario, ou anno de Romulo, fundador daquella cidade. Antes disso os romanos contavam só dez mezes, começando por Março, dedicado a Marte, sua divindade tutelar; e daqui vem serem os nomes de Setembro, e dos restantes até Dezembro, referidos aos numeros 7, 8, 9 e 10. Janeiro deriva do latim *Januarius*, palavra que tambem gerou um nome proprio de homem; foi assim chamado em honra de Jano, nume a quem tributavam os pagãos grandissima veneração, reputando-o pelo mais sabedor tanto das cousas passadas, como dos successos futuros; e por esta razão o esculpiam com dois rostos, oppostos um a outro, denotando estes dois attributos. A's vezes lhe punham uma cabeça com quatro caras, para significar as quatro estações, ás quaes presidia; e como suppunham que a seu especial cargo estavam as portas do Ceu, tambem o representavam sempre com uma chave na mão direita. Por isso os romanos chamavam *janua* a uma porta; e alguns auctores pensaram que por ser Janeiro o primeiro mez, e o que abria o anno, de *janua* lhe provinha o nome. Nem só ao tempo presidia Jano, senão tambem á paz, e á guerra; estando durante esta abertas as portas do seu templo em Roma, e fechadas durante a paz. A esta circumstancia alludem frequentemente os poetas, como o nosso Garção no soneto:

Quaes as portas de Jano afferlhadas
Onde presa mugia a guerra dura,
&c.

Das muitas caras de Jano veio semelhantemente uma alcunha expressiva para os lisongeiros e hypocritas.

Era tal a paixão dos romanos pela guerra, que o templo desta divindade esteve sómente seis vezes fechado no espaço de oito seculos. A primeira, e por mais tempo, durante a vida do pacífico, e reformador Numa; a segunda no fim da primeira guerra punica; tres vezes no reinado de Augusto, sendo uma dellas quando nasceu o Salvador; e a sexta no tempo de Nero. — A imagem de Jano estava collocada em meio de doze altares allusivos á divisão do anno civil. — Em honra delle faziam os romanos mutuos presentes de figos passados, de tamaras, cubertas de folhas de ouro, e de bolos de mel, no primeiro dia do anno, e visitavam-se uns aos outros em manifestação de amizade, e bons desejos. Esta practica, em certo modo, permanece entre as nações modernas da Europa. — A igreja universal celebra no mesmo dia a festa da circuncisão, introduzida pelo papa Felix 3.^o, aos 487 da era christã.

PRODIGIOS DA MEMORIA.

PELO desenvolvimento e vigor extraordinarios desta faculdade se fizeram notaveis, em diversos tempos, alguns individuos. O celebre philologo e critico Escaligero repetia cem e mais versos, tendo-os lido seguidamente uma só vez. Perthicus preparou todo o seu commento a Claudiano sem recorrer ao texto. — O erudito Magliabechi não só retinha o sentido do que lia, porém, muitas vezes, até as proprias palavras, conservando-lhe a pronúncia segundo a respectiva orthographia. Para o experimentar, emprestou-lhe um cavalheiro certo manuscripto raro, e depois deste tornado, passados alguns tempos, fingiu que o tinha perdido, rogando a Magliabechi que lhe reproduzisse, a ser possível, alguns fragmentos do codice que estimava; diz-se que o litterato florentino lh'o escreveu todo de cór sem omissão d'uma só palavra. Porém um dos maiores testemunhos de pasmosa reminiscencia, e ao mesmo tempo de saber universal, que apresenta a historia litteraria, é o P. Fr. Francisco de S. Agostinho Macedo, natural de Coimbra, que primeiro foi jesuíta, e depois capucho observante. Resumiremos aqui as theses das conclusões, que defendeu publicamente na cidade de Veneza, por espaço de oito dias, escriptas em latim, com o titulo de *Rugitus Litterarü Leonis Sancti Marci*, com data de 26 de Setembro de 1667. Versam: a 1.^a — Sobre toda a Escripura Sagrada, e os seus varios sentidos, versões, interpretação, e exposição. — A 2.^a — Sobre a Historia e direito pontificio, os Concilios ecumenicos e suas causas, presidentes e doutrina. — A 3.^a — Sobre a Historia ecclesiastica, tanto até o nascimento de Christo, como desde então até a epocha das conclusões. — A 4.^a — A cerca dos tempos e doutrinas dos Santos padres, gregos e latinos, principalmente de S. Agostinho, explanando todas as obras deste, produzindo e defendendo as suas sentenças. — A 5.^a — Sobre toda a philosophia, theologia especulativa e moral, sobre as doutrinas das varias escholas, sobre o direito canonico, as institutas e os livros de direito civil. — A 6.^a — Sobre a historia grega e latina, e a das nações modernas, principalmente a italiana. — A 7.^a — Sobre a rethorica, e seus methodos, offerecendo-se o defendente a fazer discursos d'improviso sobre quaesquer pontos dados. — A 8.^a — Sobre a poetica segundo Aristoteles, sobre as varias versificações e todos os poetas gregos, latinos, italianos, hespanhoes e francezes; compromettendo-se [como na 7.^a] a improvisar composições metricas sobre quaesquer assumptos propostos. — Estas memoraveis conclusões terminavam com estas palavras; *será licito, a quem qui-*

zer argumentar, estabelecer e perguntar tudo aquillo que bem lhe parecer. O capucho Macedo, como portuguez, desempenhou a sua palavra, e por tal fórma, que para não accumularmos citações bastará mencionar o que diz a seu respeito o P. Archangelo de Parma n'uma carta ao cardeal de Noris. "Estas theses, recebidas de todos com summa expectação, e admiração, manteve o P. Macedo com felicissimo successo, achando-se presentes muitos senadores e nobres da republica de Venesa, e grande numero de doutores e padres-mestres, até estrangeiros, que a fama tinha convocado. Tentaram-no com innumeraveis perguntas e argumentos; mas respondeu a tudo, como se tivesse de antemão premeditadas as respostas, com tanta felicidade que nunca o viram titubear, deter-se, ou embarçar-se; antes succedeu muitas vezes que esquecendo-se os arguentes de alguma cousa, que proferiam, ou recitando-a mal, elle lhes acudia, suggerindo-lhes o que queriam dizer, ou emendando o que tinham dito. Houve um que citou mal um texto da Escripura, outro que se esqueceu d'uma passagem de Virgilio, e outro que allegou alguns auctores suspeitosos a favor da sua opinião: ao primeiro corrigiu o texto da Escripura, ao segundo subministrou os versos do poeta, e ao terceiro removendo os auctores dubios substituiu por elles outros idoneos. —" Este mesmo homem deu outra prova estrondosa do seu saber e memoria, defendendo em Roma, por tres dias, conclusões *de omni scibili: de tudo o que é possível saber-se.* O immenso cathogo de suas obras vem no tom. 6.^o do *Corpus Poetar. Lusitanor.*

Segunda Parte da Memoria Estatistica sobre os domínios portuguezes na Africa oriental, pelo Sr. S. X. Botelho.

QUANDO em 1835 lemos a Memoria a que a presente publicação serve de appendice, foi indizível o gosto que sentimos por vermos que ainda em nossa terra havia quem soubesse escrever em portuguez corrente, um livro arrazoado acerca de cousas portuguezas. No meio da actual litteratura de folhetos e de periodicos, um volume, de mais de 400 paginas, é uma raridade; e tanto mais notavel, quanto é certo que a Memoria do Sr. Botelho [ao menos tal é nossa fraca opinião] é o mais bem escripto livro de prosa dos que ha vinte annos teem apparecido em Portugal. Nesta convicção e contentamento estavamos, quando em um periodico de Lisboa vimos a noticia de um artigo da Revista de Edimburgo, em que muito maltractada era a obra do nosso compatriota. Na verdade não foi grande o abalço que isto nos causou; há annos que essa Revista vae perdendo aquella auctoridade e peso de que, em materias litterarias, gosava, e para não amontoarmos provas disso, só diremos que em 1815 [se bem nos lembra a data] davam os revedores de Edimburgo os versos de Lamartine como argumento da decadencia e nenhuma valia da litteratura franceza. Esperámos, comtudo, que o A. da Memoria não deixasse passar por alto as observações da Revista: assim aconteceu. Nervosamente redargiu o Sr. Botelho argumentos; com auctoridades inglezas provou a inglezes o seu dicto, e com a modestia e animo desapaixonado, que em todas as questões é dote de quem tem razão, menoscabou insultos, para responder a cousas. Em quanto nós tivermos escriptores como o Sr. Botelho, poderemos dizer que a nossa litteratura ainda não está morta. Sirva este livro de escarmento a estrangeiros para não desprezarem uma consa só por que é portugueza.

VANTAGENS DOS ESTRUMES LIQUIDOS.

Visto que não é para desprezar nada do que pôde ser útil á agricultura, parece muito conveniente o levar ao conhecimento do publico os numerosos melhoramentos que procuram introduzir agronomos de distincto merecimento: um d'esses melhoramentos é indubitavelmente a applicação que tem dado na agricultura a diversas substancias doentias ou incommodas, lucrando a um tempo as vantagens resultantes do seu emprego como estrume, e da desinfecção das terras.

As aguas de sabão, e as que servem para curtir o canamo, as mais das vezes estagnadas, exhalam, em virtude da fermentação, grande quantidade de gazes nocivos e de mui desagradavel cheiro, que são a causa permanente de muitas molestias. Os vícios locais, a ignorancia, ou a incuria de quem devera olhar por isso, fazem muitas vezes com que, a despeito dos conselhos da hygiene, se não cure de cousa de tanta monta.

Eis-aqui o porque convem dar toda a possível publicidade aos seguintes resultados das observações de um dos mais celebres químicos-manufactores:

“Tinha proposto n'uma das sessões da nossa commissão, experimentar o effeito do emprego d'essas aguas carregadas de saes solveis [chlorureto de sodio ou *sal commun*, sulfato de soda, &c.] e de materias organicas na rega das terras cultivadas, com o fito de disseminar-las a ponto de fazer cessar os perigos provenientes da sua accumulção, e de aproveitar, em prol da agricultura, as materias que levam consigo, as quaes facilmente chuparia uma grande extensão de terra: grande parte da pequena porção de gazes, que assim derramados exhalariam, poderiam ser absorvidos pelas partes verdes das plantas; e as municipalidades poderiam conferir o direito do uso de semelhantes régas, com a expressa clausula de que em quadra alguma do anno seriam interrompidas.

“Um exemplo notavel nos fez conhecer que eram bem fundadas estas disposições; em uma povoação dos arrabaldes de Paris, existia uma excavação que de ordinario recebia as aguas de que se tracta; tinha cessado de todo a corrente, e se bem que a estação fosse humida, estava o charco completamente seco, sem que a mesma auctoridade municipal tivesse tido conhecimento deste estado de cousas e dos seus motivos.

“Por via de alguns indícios conhecemos que a direcção da corrente fôra mudada dentro d'uma das propriedades muradas, que atravessava, e que alli servia para regar todo o prado nella contida.

“Observámos com effeito, quando entrámos neste cerrado, que o seu dono dirigia successivamente a agua de sabão sobre todas as partes do prado mediante umas regueiras, facilmente abertas para o intento; e que, com esta régua, e o estrume excellentemente obtido com tão pouca despeza, tinha quadruplicado as produções da sua fazenda, e melhorado consideravelmente o terreno.

“Tendo-se feito régas semelhantes na horta d'um palacio, obtiveram-se tambem colheitas por extremo abundantes de legumes, e hortaliças de diversas castas.” — *A. Payen*.

Pareceu-nos que um meio tão simples, e tão grandemente util de diminuir, e quasi de annular os inconvenientes das aguas de lixívia de sabão, e dos fossos onde se curte o linho, mereceria ser recommendada a todos os agricultores, e proposto ás autoridades competentes, mormente em o nosso paiz, onde julgam inteiramente inutil a agua de sabão.

COLLA DE BOCA.

E' MUITAS vezes necessario para certos desenhos, ou

mappas, em ponto muito grande, unir duas ou mais folhas de papel. A melhor composição que se emprega para este effeito é a seguinte.

Tome-se uma onça de gomma de peixe, duas oitavas d'assucar candi branco, e uma oitava de gomma alcatira. Tomem-se depois aparas de pergaminho bem limpo, deite-se-lhe por cima meia canada d'agua clara, e fervam-se muito bem; filtre-se o liquido e juntem-se-lhe os ingredientes acima mencionados; reduza-se tudo a metade por meio da fervura; tire-se o mixto do lume, e dê-se-lhe a figura de tiras ou qualquer outra que se queira.

Quando se pretende fazer uso desta colla, passa-se pela boca e humedece-se com saliva; depois esfrega-se ao de leve pela borda d'um dos papeis que se quer grudar; põe-se o outro em cima deste, cobre-se a parte, que deve ficar grudada, com uma tira de papel sem ser collado, e corre-se-lhe por cima a palma da mão. Esta colla sécca com promptidão, e é de tanto melhor qualidade quanto for mais forte, transparente, e dura.

AS MAQUINAS DE VAPOR EM PORTUGAL.

GRANDE questão é ainda hoje se em França ou em Inglaterra nasceu a 1.^a idéa das machinas de vapor: se quanto á invenção Portugal não pôde entrar na conta, ao menos quanto ao aperfeiçoamento alguma gloria lhe cabe. Eis o que se lê em uma Gazeta de Lisboa de 6 de Fevereiro de 1742.

“A rainha N. S. com os principes e o Sr. infante D. Pedro foram a uma das casas reaes de campo, do sitio de Belém, a que chamam da praia, e alli viram as operações de duas machinas, as quaes por meio do peso do ar e da força do vapor levantavam agua, dando o frio occasião a que o peso do ar podesse tornar a reduzir em agua os vapores, em que o calor a tinha transformado. Elrei N. S. com o principe e o Sr. infante D. Antonio tinham já visto a operação destas machinas, que são as que os ingleses chamam simples, as quaes em terras abundantes de lenha são de grandissima utilidade. Deve-se a sua primeira origem ao marquez de Worcester, e invento da sua practica ao capitão Severi, ambos da nação inglesa, e o moverem-se por si mesmas, com mais algumas circumstancias attendiveis, ao Dr. Bento de Moura Portugal, superintendente e conservador das fabricas reaes da fundição d'artilheria da comarca de Thomar, socio da Real Sociedade de Londres, o qual assistiu ás mesmas operações, e fez armar as machinas.

HABILIDADES DE CHARLATÃES.

EM um dos mercurios de França, de mil oitocentos e nove, se acha uma curiosa relação das experiencias feitas em Napoles para o fim de descobrir os meios de que usam os charlatães e saltimbancos para parecerem incombustiveis. Diz-se que com effeito esta descoberta se fez com toda a evidencia, e que a principal receita consiste em ir gradualmente habituando a pelle, a boca, a garganta e o estomago a grandes graus de quentura; depois, em esfregar a pelle, e cubrir a lingua com sabão ordinario, e metter na boca assucar em pó. Por este methodo o professor napolitano, que fez as experiencias, pôde andar por cima de carvões acesos, tomar na boca azeite a ferver, e metter as mãos em metal derretido. Assim se podem explicar muitos casos que parecem milagrosos, e as habilidades dos charlatães malabares, podendo todas essas maravilhas ser practicadas por um aprendiz de boticario com o trabalho e estudo de quinze dias.

CASTELLO DE GLEICHEN.

ENTRE Eisenach, Arnstadt, Gotha, e Langensalta, cidades da Thuringia, estão espalhadas as ruínas d'uma grande multidão de alcaceres gothicos, que n'outro tempo foram as residencias de vassallos do imperio de Alemanha, e que são hoje colheita de aves de rapina, e povoados de espectros e medos, gerados pela imaginação do povo e dos novellos. Destes castellos o mais conhecido na Saxonia é o de Gleichen, onde habitavam os antigos condes deste titulo; vem-lhe a celebridade de uma aventura singular, que dizem alli acontecer.

Um conde de Gleichen partiu com um príncipe de Thuringia para a Palestina, a guerrear os sarracenos. Apenas chegou á Asia foi aprisionado pelos infieis. Era o conde ainda moço e bem parecido, e a filha do sultão, tendo achado meio de tractar com elle, resolveu-se a salva-lo. Teve artes de o fazer sair da prisão, e acompanhou-o na fuga. Foi-lhes propicia a fortuna; e brevemente aportaram em Italia. Antes de partir para a Palestina já o conde tinha casado com uma donzella virtuosa, bella, e que extremosamente amava: mas estando captivo lhe levaram a nova de que sua mulher morrerá. Cedeu, portanto, ao amor da filha do sultão, á qual tanto devia ser grato. Já voltava para a Alemanha quando soube que sua esposa, que tivera por morta, vivia ainda, e com impaciencia esperava que elle voltasse. Incertezas crucis lhe laceraram então o espirito. Devia menoscabar a fidelidade daquella a quem primeiro amara? Devia abandonar a filha do sultão, que por causa delle deixara familia, crença e patria? — O papa proveu de remedio e poz termo ás suas duvidas, permittindo-lhe casasse com a princesa asiatica, sem partir os laços que o ligavam com a formosa alemaã.

Do que a tradição, verdadeira ou falsa, não conservou memoria foi de quantos dias as duas mulheres de um só marido viveram em paz e concordia.

Grandeza comparativa dos planetas. — Suppondo nós que a terra tenha somente doze pollegadas de diametro, o planeta d'Herschell terá 53 pollegadas; Saturno 120; Jupiter 135 pollegadas de diametro. Os outros planetas, mais pequenos do que a terra, teem as proporções seguintes; Venus, 11 pollegadas e meia; Marte, 6 pollegadas e meia; Mercurio, 4 pollegadas e tres quartos; Pallas, 3 pollegadas e um quarto; Juno, 2 pollegadas e meia; Ceres, pollegada e meia, e Vesta, um terço de pollegada de diametro. O diametro comparativo do Sol seria de 1340 pollegadas, e o da Lua de 3 pollegadas e meia.

A medecina. — Que doente ha ahí que se atreva a pôr duvidas aos medicos? — Riem-se delles, mettemos a bulha, fartam-os de epigrammas, e de improprios; todos se fazem valentões em saude, e sobre tudo diante de muita gente. O medico, porém, vingase á cabeceira da cama, e em particular: decide, receita, mata; o doente humilha-se, obedece e morre. — *Pigault Lebrun.*

SEMANARIO HISTORICO.

ANOS
do
J. C.

Janeiro — 1

1308 — Guilherme Tell alevanta o estandarte da revolta na Suissa contra o dominio da Austria. Durou a guerra tres seculos, mas por fim a independencia dos suissos foi reconhecida em 1648.

1354 — Neste dia se diz que foi o casamento do infan-

te D. Pedro com D. Ignez de Castro, facto assaz dvidoso da nossa historia.

1532 — Martim Affonso de Sousa descobre o Rio de Janeiro.

1534 — O mesmo Martim Affonso de Sousa toma a fortaleza de Damão ao rei de Cambaia, sultão Bahadur.

1707 — Acclamação de D. João 5.^o, vigessimo quarto rei de Portugal.

13 — Morte do celebre poeta Ovidio; e do grande historiador romano Tito-Livio, que falleceram no mesmo dia e anno.

1606 — D. Jorge de Mello, governador da fortaleza de Coulaõ, faz uma arremetida com 1600 homens contra o exercito do rei de Travancor, mata e fere grande numero de inimigos, e recolhe-se com pouca perda.

107 — Annos antes de Christo — Nasceu Marco Tulio Cicero.

1510 — Derrota dos portuguezes em Calecut, sendo capitaneados pelo Marechal D. Fernando Coutinho: é este o culpado da derrota: Affonso de Albuquerque, que ahí se achava, salva as reliquias do exercito.

1643 — Morte de D. Rodrigo da Cunha, editor da 2.^a Parte das Chronicas de Duarte Nunes do Leão, e auctor da Historia dos arcebispos de Braga, da dos bispos do Porto, da dos arcebispos de Lisboa, e de outras obras.

1246 — Fallece em Toledo D. Sancho 2.^o de Portugal, expulso do reino pelo infante D. Affonso, seu irmão.

1529 — Nuno da Cunha toma e arrasa a fortaleza de Baçaim, onde haviam doze mil homens de guarnição, e quatrocentas peças de artilharia.

1514 — Tomada de Tednest, na Africa, por Nuno Fernandez de Attaide.

1560 — Morre o celebre Oleastro [Fr. Jeronymo da Azambuja, portuguez] theologo de D. João 3.^o no concilio tridentino: escreveu um commentario sobre o Pentateuco, em que prova que S. Jeronymo não traduziu bem o primeiro capitulo do Genesis.

1567 — Conquista da cidade de Mangalor, na India, por D. Antão de Noronha.

1642 — Publica-se em Lisboa o tractado de paz e aliança entre Portugal e Suecia.

1663 — Tomam-nos os hollandezes a cidade de Cochim.

1698 — Nascimento de Metastasio, dramaturgo e poeta italiano, assaz conhecido.

A Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos uteis faz publico que vai suspender a entrega deste jornal áquelles Srs. Accionistas, que não tem pago as suas prestações e assignatura: a mesma Direcção levará os nomes destes Srs. ao conhecimento da Assembléa Geral para esta resolver o que julgar conveniente á vista do disposto de art. 16 dos Estatutos.

Acha-se á venda, nas lojas do Panorama, a folha do rosto, com o indice alphabetico dos n.^{os} do anno preterito, para encadernar o 1.^o vol. Preço 15 réis.

Escriptorio da Direcção da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis, Rua do Arsenal N.^o 55 — 1.^o andar.

LISBOA — NA TYPGRAPHIA DA SOCIEDADE.